

Lula se mobiliza por Pacheco para frear Senado bolsonarista



Funcionários da Câmara fazem preparativos no plenário para a posse de deputados Pedro Ladeira/Folhapress

Lula se mobiliza para reeleger Pacheco e barrar bolsonarista no Senado

Na Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL) tem amplo apoio para conquistar mais dois anos de mandato no comando da Casa

BRASÍLIA O Congresso Nacional elegerá nesta quarta-feira (1º) o seu novo comando, com cenários distintos na Câmara dos Deputados e no Senado.

Arthur Lira (PP-AL) tem amplo apoio para conquistar mais dois anos de mandato à frente da Câmara. No Senado, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mobiliza ministros e outros meios para tentar reeleger Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e evitar o surgimento de um enclave bolsonarista no centro do poder da casa legislativa.

A eleição nas duas Casas terá início à tarde, logo após a posse dos 513 deputados federais e 27 senadores — as outras 54 cadeiras do Senado não entram em disputa em outubro.

O Senado é o lugar onde o pleito é mais acirrado. Com o apoio de Lula, Pacheco tenta a reeleição contra Rogério Marinho (PL-RN), ex-ministro de Jair Bolsonaro (PL) e candidato da sua base radical de apoio.

A mobilização do governo em prol de Pacheco contraria afirmações de Lula de que não iria interferir na disputa do comando do Congresso e mostra uma reedição do embate de outubro, em que o petista venceu Bolsonaro por uma margem estreita de votos.

Pacheco conta com um arco de aliança mais robusto. No entanto, como a eleição é secreta, Marinho aposta em trações para surpreender.

Uma vitória do senador do PL levaria o Senado a ser o foco mais claro da oposição a Lula, já que Arthur Lira se moveu do bolsonarismo para o lado petista desde o resultado das eleições presidenciais.

Nesta terça-feira (31), Marinho conseguiu o apoio público do ex-ministro Sérgio Moro (União Brasil-PR), de integrantes do PSDB e de uma dissidência dentro do próprio PSD, sigla de Pacheco.

Moro justificou sua decisão afirmando que decidiu por "uma oposição firme" ao governo do PT e que a opinião majoritária de seus eleitores é por esse posicionamento.

Além do ex-juiz, o bolsonarista Alan Rick (União Brasil-AC), senador eleito, anunciou que votará em Marinho.

O atual presidente do Senado, por outro lado, deve contar com a campanha de ao menos seis ministros de Lula.

"Acho que o governo está se movimentando republicana e, no que pode ajudar. O Brasil não precisa, na presi-

dência do Senado, de um líder da oposição, para manter a tensão, à briga com outros Poderes", afirmou Renan Filho (MDB-AL), que se elegeu senador e é o atual ministro dos Transportes de Lula.

O voto de senadores do PSD em Marinho já estava no radar de Pacheco. O anúncio foi feito nesta terça por três integrantes da bancada de 15 parlamentares, entre eles Samuel Araújo (PSD-RO), que momentos antes havia participado de um almoço na casa do senador Weverton Rocha (PDT-MA) em apoio a Pacheco.

Segundo pessoas que estiveram no encontro, Araújo afirmou que votaria no colega.

Outro integrante do PSD que anunciou voto em Marinho foi Lucas Barreto (PSD-AP) — rival político de Davi Alcolumbre (União-AP) e de Randolfe Rodrigues (Rede-AP). A terceira adesão a Marinho dentro do PSD veio de Nelsinho Trad (MS).

Alcolumbre é o principal cabo eleitoral de Pacheco. Presidente do Senado até o início de 2021, ele foi o responsável por fazer o senador de Minas seu sucessor e tem pretensão de voltar ao cargo em 2025.

Eduardo Girão (Podemos-CE) também é candidato à presidência do Senado, mas não tem apoio nem em seu partido. Se nenhum deles obtiver maioria dos votos, a disputa vai para o segundo turno entre os dois mais votados.

Aliados de Pacheco dizem esperar que o senador receba um mínimo de 46 dos 81 votos em disputa (ele recebeu 57 na eleição de 2021). Já apoiadores de Marinho afirmam que as trações serão suficientes para sua eleição.

O PT também cresceu na Câmara e no Senado, mas as legendas de esquerda somam apenas um quarto das cadeiras nas duas Casas.

Partidos de centro e de direita são maioria no Congresso que toma posse nesta quarta, o que levou Lula a tentar atrair PSD, MDB e União Brasil com a distribuição de nove ministérios a essas siglas.

Mesmo assim, o petista precisará de apoio de parte do centrão (PP, PL e Republica-

ELEIÇÃO PARA O COMANDO DO SENADO*

41 é o número de votos necessário para ser eleito, em primeiro ou segundo turno

Votos de partidos que apoiam Pacheco
 - PSD: 15 (3 declarados para Marinho)
 - MDB: 10 (1 declarado para Marinho)
 - PT: 9
 - PDT: 3
 - PSB: 4
 - Rede: 1
TOTAL: 42

Votos de partidos que apoiam Marinho
 - PL: 13
 - PP: 6
 - Republicanos: 4
TOTAL: 23

Votos de partidos que não fecharam apoio a nenhum candidato
 - União Brasil: 9 (2 declarados para Marinho)
 - Podemos: 4 (1 declarado para Marinho e 1 para Girão)
 - PSDB: 3 (2 declarados para Marinho e 1 para Girão)
TOTAL: 16

*O voto é secreto e o senador não precisa seguir a orientação do partido

nos) para ter uma base de apoio suficiente para aprovar emendas à Constituição, que necessitam do voto de ao menos 60% dos parlamentares.

Na Câmara dos Deputados, Arthur Lira e Lula se aproximaram após a vitória do petista nas eleições de outubro. Enquanto o presidente abriu mão de lançar um candidato contra o líder do centrão, devido à fragilidade da esquerda, Lira pavimentou a aproximação com o PT com o imediato reconhecimento público da vitória de Lula. Ele também conduziu a aprovação da PEC que deu fôlego orçamentário ao novo governo e a reação contra os vândalos golpistas do dia 8 de janeiro.

Até a tarde desta terça, apenas Chico Alencar (PSOL-RJ) e Marcel Van Hattem (Novo-RS) haviam se colocado como concorrentes à presidência da Câmara, mas as chances de ambos são irrisórias.

Com isso, aliados de Lira trabalham para que ele tenha o recorde de votos em uma eleição desde a redemocratização, posto ocupado até agora por Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), em 1991; e João Paulo Cunha (PT-SP), em 2003 — ambos foram eleitos com 434 votos em primeiro turno.

Tanto na Câmara dos Deputados como no Senado, os últimos dias foram marcados pela divisão dos demais postos de comando no Legislativo, em negociações feitas pelos candidatos com os partidos.

O PL, por exemplo, foi convencido por Arthur Lira a ceder o comando da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara dos Deputados para o PT, com o compromisso de comandar o colegiado em algum dos próximos anos.

O PL, com 99 deputados, e o PT (68) serão as duas maiores forças na legislatura que se inicia. As regras da Câmara sobre prioridade para escolha de cargos na Mesa Diretora e de comissões temáticas levam em consideração o tamanho das bancadas na eleição, mas essas escolhas passam sempre por acertos políticos e estão sujeitas também à eleição desta quarta.

Além da presidência, Câmara e Senado escolherão, cada um, dois vice-presidentes, quatro secretários e quatro suplentes na mesa diretora. **Thaís Oliveira, Danielle Brant, João Gabriel, César Feitoza, Victoria Azevedo, Julia Chaib e Ranier Bragon**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4